

REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

ANNO I

ASSIGNATURA

Num. 9

PARA A CAPITAL: Trimestre 2\$500—PARA FÓRA DA CAPITAL: ANNO 10\$000

ELOGIO DA VAIDADE

(Conclusão)

Virtude do meu oleo no coração, e ella sente-
milho, mais excelsa, mais sublime do que
o meu ministro subalterno do altar, que ali
queimar o puro incenso da fé.

Porque não ha de ser assim, se agora mesmo
neste sanctuario esta garrida matrona,
toda das melhores fitas para vir fallar ao seu
pudor?

Que farfallar! que voltear de cabeça!
A antiphona continúa, a musica não cessa;
a matrona supplantou Jesus na attenção dos
catholicos.

Ella que dobra as curvas, abre o livro, com-
põe as rendas, murmura a oração, accomoda o
pudor.

Três no coração duas flores, a fé e eu; a celeste
flores a no cathecismo que lhe derão aos dez an-
os a terrestre, colheu-a no espelho que lhe derão
o alto: são os seus dois Testamentos, e eu sou
o mais antigo.

V

Mas perderia o tempo se me detivesse a mos-
trar um por um todos os meus subditos; perderia
tempo e o latim.

Omnia vanitas.

Para que cital-os, se quasi toda a terra me
pertence?

E digo quasi, porque não ha negar que ha
felicidade na terra, e onde ha tristezas, ahi governa
a minha irmã bastarda, aquella que ali vedes
com os olhos no chão.

Mas a alegria sobrepuja o enfado e a alegria

é sou eu. Deus dá um anjo guardador a cada ho-
mem; a natureza dá-lhe outro e esse outro é nem
mais nem menos esta vossa creada, que recebe o
homem no berço, para deixal-o somente na cova.
Que digo?

Na eternidade; porque o arranco final da mo-
destia, que ahi lêz nesse testamento, essa recom-
mendação de ser levado ao chão por quatro
mendigos, essa clausula sou eu que a inspiro e
dicto: ultima e genuina victoria do meu poder,
que é imitar os meneios da outra.

Oh! a outra! Que tem ella feito no mundo que
valha a pena de ser citado?

Forão as suas mãos que carregarão as pedras
das Pyramides?

Foi a sua arte que entreteceu os louros de
Themistocles?

Que vale a charrua do seu Cincinato, ao pé do
capello do meu cardeal de Retz?

Virtudes de cenobio são virtudes?

Engenhos de gabinete são engenhos?

Traga-me ella uma lista de seus feitos, de
seus heroes, de suas obras duradouras; traga-m'a,
e eu a suplantarei, mostrando-lhe que a vida,
que a historia, que os seculos nada são sem mim.

Não vos deixeis cahir na tentação da Modestia,
é a virtude dos pecos?

Achareis, de certo, algum philosopho que vos
louve, e pode ser que algum poeta vos cante; mas
louvaminhas e cantarolas têm a existencia e o
effeito da flor que a modestia elegeu para emble-
ma: cheirão bem, mas morrem depressa.

Escasso é o prazer que dão, e ao cabo defi-
nhareis na soledade.

Commigo é outra cousa.

Achareis, é verdade, algum philosopho que
vos talhe na pelle; algum frade dir-vos-ha que eu
sou inimiga da boa consciencia.

Petás !

Não sou inimiga da consciencia boa ou ma; limito-me a substituil-a, quando a vejo em frangalhos; se é ainda nova, ponho-lhe diante um espelho de crystal, vidro de augmento.

Se vos parece preferivel o narcotico de Modestia, dissei-o; mas ficai certos de que excluireis do mundo o fervor, a alegria, a fraternidade.

Ora, pois; cuido haver mostrado o que sou e o que ella é, e nisso mesmo revelei a minha sinceridade, porque disse tudo sem vexame nem reserva; fiz o meu proprio elogio, que é vituperio, segundo um antigo rifão; mas eu não faço caso de rifões.

Vistes que sou a mãe da vida e do contentamento, o vinculo da sociabilidade, o conforto, o vigor, a ventura dos homens; alço a uns, realço a outros, e a todos amo; e quem é isto é tudo e não se deixa vencer de quem não é nada.

E reparai em que nenhum grande vicio se encobrio ainda commigo; ao contrario, quando Tartuffo entra em casa de Orgon, dá um lenço a Dorina para que cubra os seios. A Modestia ser ve de conducta a seus intentos.

E porque não seria assim se ella ali está de olhos baixos, rosto cahido, boca taciturna?

Poderieis affirmar que é Virginia e não Locusta?

Pode ser uma ou outra, porque ninguem lhe vê o coração.

Mas commigo?

Quem se pode enganar com este riso franco, irradiação do meu proprio ser; com esta face jovial, este rosto satisfeito, que um quasi nada obumbra, que outro quasi nada illumina; estes olhos que não se escondem, que se não esgueirão por entre as palpebras, mas fitão serenamente o sol e as estrellas?

VI

O que? Credes que não é assim?

Querem ver que perdi a minha rhetorica, e que ao cabo da prégação deixo um auditorio de relapsos?

Ceos! Dar-se-ha o caso que a minha rival vos arrebatasse outra vez?

Todos o dirão ao ver a cara com que me escuta este cavalheiro, ao ver o desdem do leque daquela matrona.

Um levanta os hombros, outro ri de escarneo.

Vejo ali um rapaz a fazer-me figas, outro

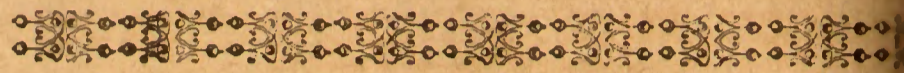
abana tristemente a cabeça, e todas, todas as pebras parecem baixar, movidas por um movimento unico...

Percebo, percebo!

Tendes a voluptia suprema da vaidade, que a vaidade da modestia.

AREIMON

Porto Alegre - 1881.



DEVANEANDO



Em horas de fatal hypocondria,
Desse demonio azu',
Quando escuto o rugir do vento agudo
Que sopra ca do sul;

Espaireço acendendo o meu cigarro,
Um caporal francez;
E as tristezas crueis que o peito opprimem
Afogo-as em Xerez.

Feliz, então, minh'alma se transporta
Aos mundos ideaes,
Soltando uma canção fresca, composta
De cousas matinaes.

Vai evocar as sombras do passado,
Creações que adorei,
Cujos seios mais brancos que cambraia
Tantas vezes beijei.

Vejo-as passar em funebre cortejo
Sorrindo para mim;
Trazem na fronte a pallidez sombria
De um Christo de marfim.

Das ardentes pupillas inflammadas
Em bestial paixão,
Brotão desejos lubricos, nervosos
De forte sensação.

Roção por mim as carnes car de rosa,
Mostrando os seios nus;
Exhalando um perfume penetrante
Que excita e que seduz.

Não me posso conter. Aperto ao peito
As sombras ideaes,
E ante a nudez das formas provocantes
Que instinctos canibaes!...

E amos revivo, ai doudo phantasista,
 Scenas cheias de luz;
 Sacramento gosando as Magdalenas
 Resuscidas por Jesus!

SILVINO VIDAL.

de 1881.

REFLEXÕES

—♦♦♦—

Ah! poussons le cri de la civilisation! Non non! non! nous ne voulons ni des barbares qui guerrolent, ni des sauvages qui assassinent!... Nous ne voulons ni de la guerre de peuple à peuple, ni de la guerre d'homme à homme. Toute tuerie est non seulement feroce, mais insensée.

VICTOR HUGO.

Eis o pensamento de um grande homem, a vida fixa de um dos maiores vultos litterarios do nosso seculo: a destruição do odio quer de povo a povo, quer de individuo a individuo.

Eis a doutrina, de cujos beneficios precisão todos os povos, e unica promettedora de uma eterna felicidade.

A França teve Voltaire, cujo odio era contra o odio, e agora Victor Hugo que abre o coração a todo mundo; e diz como o filho do carpinteiro: amemo-nos, no amor está a verdadeira força; no amor, o progresso; no amor, a felicidade.

E sua voz, repetida por todas as nações, é coberta das mais sinceras benções populares.

A razão humana tem um grande fim na marcha de seus raciocinios, é o bem commum.

Este fim deve ser abraçado sinceramente por todo o individuo, em cujo coração palpitar o ardente amor da patria.

A voz do egoismo deve ser abafada ante os esplendores da razão consciente.

O direito e a liberdade sejam a chave dos nossos raciocinios.

Toda a philosophia que não assentar seus principios no amor da patria será, uma philosophia vã e indigna do homem.

Toda a philosophia que não assentar seus principios no amor do cidadão, será a palavra rude e isolada, o grito do egoismo

Amemo-nos uns aos outros, e procuremos o bem da patria.

Para isso estamos constituídos em sociedade, para isso formamos nossas familias, para isso trabalhamos.

O bem publico só poderá resultar do amor. O amor é a maior e a mais sublime manifestação da humana existencia.

A intelligencia culta e sensata, aquella que pesa os interesses da vida e vê na humanidade, não o fatalismo, não um destino cego, rude, inconsciente, porém a verdade, o positivo, a realidade de um fim, cujo preenchimento tem de ser feito pela aturação constante do espirito, não pode deixar, logo que tenha occasião, de expandir as grandes idéas de amor, concordia e fraternidade.

E' irresistivel á razão consciente o bem do proximo, e por conseguinte o amor da patria.

O mais são esforços inuteis de intelligencias mal encaminhadas, e cobertas de vicios.

Quem pretender governar, deve com especialidade abraçar essas idéas que são a melhor garantia da tranquillidade, ventura e prosperidade de um povo.

Quando a consciencia depara com as normas restrictas do dever; quando a razão, o homem puro, o reflexo de uma omnipotencia descobre o caminho que deve seguir, nada poderá impedir-lhe os passos, porque ja ali, no meio da reflexão que obriga, alguma cousa existe superior a todos os embustes e a todas as intrigas.

E' o pensamento do bem, secundado por uma vontade e energica, resoluta, grande, imperturbavel.

Feliz do homem que encontrou a força do raciocinio na pratica da vida! feliz e abençoado!

Astro da França, eu te saudo! déste o grito intimo dos povos, déste o evangelho das puras liberdades!

Embora novel, fraco, nos primeiros vôos litterarios, quero tambem dizer contigo: Destruamos o odio, sejamos irmãos!

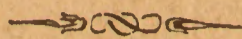
Tu encantas a França com a grandeza de teu nome; eu, entusiasta da tua palavra, dos teus raciocinios, apenas procuro accender meu espirito em uma das chammassas de teu genio.

Sou muito pequeno, porém tenho-te amor, e ousou pensar nas tuas idéas.

Feliz e abençoado, eu te saudo!

S. P.

AGORA — SIM



E' um quarto pequeno e perfumado,
Com janellas estreitas e cortinas;
Entre flores e fitas sobre a mesa
Descança um par de luvas peregrinas.

Bem se vê dessas luvas inda quentes
Que pequeninas mãos os cortinados
Só podem roçagar para entre os linhos
Deixar pender os membros fatigados.

Nem permite o decoro que se aponte
Direito a um bello corpo, ao desnudar-se;
Apenas p'ra dizer : — é ella, é ella
Que nesta cama agora vai deitar-se.

Não olhem, pois, esperem, para vel-a,
O somno que ha de vir ali prostal-a...
Ha de ter seducções irresistiveis,
Mas eis-me p'ra fazer-vos, respeit-a.

.....

Mas.... não tem somno ! A' janella
Depois de um chambre tomar.
Vai chegar-se... abre as vidraças
E fita a lua a scismar.

Uma nuvem de repente
Dá meia treva ao pomar !
D'entre os arbustos que vergão
Vê-se uma forma brotar.

Da janella se approxima
Consegue dentro saltar.
Dois nomes — Luiz .. Alice...
Começão a sussurrar. .

Depois de poucos instantes
Nada percebe o ouvido.
Afiml — voltão os nomes
Que se repetem seguido.

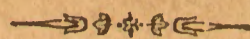
.....

Podeis olhar agora; eu não guardava
Das vistas sensuaes
Senão a forma intacta da virgem...
Agora... ella é das *taes*.

Porto Alegre — 1881.

A. C.

O PERFUME



O perfume, o errante espirito mysterioso
flores, é, entre as expressões da natureza, a
poesia tem transferido ao dominio da arte
aquella que estheticamente melhor acorda e
corda as sensações, os sentimentos e as idéas
amor, em toda a sua comprehensão, material
immaterial, desde a affeição candida, innocente
e immaculavel, até os delirios impuros e mo-
dos da paixão phisica.

Não ha impressão amorosa, inoblitera-
mente entalhada na alma humana, que pelo s-
ples despertar subito do aroma que a embel-
em nossa memoria, não se reproduza em m-
espirito, inteira na sua viveza, nascente, in-
vel na sua frescura primitiva.

O perfume é a musica do olfato, como a
sica é o perfume dos ouvidos

Apparentemente para as almas vulgares,
os nervos mal educados, incapazes, porque
cultos, de destacar e harmonisar as sensações
reflectem, existe entre a musica e o perfume
oposição inconciliavel; a analyse, porém,
compondo e recompondo miudamente estas
palavras gemeas, synonymas, do dictionario
natureza e da arte, tem descoberto entre
estreitas correspondencias, relações de fam-
analogias sensiveis, matizes e caracteres comm-
que as prendem em uma intimidade fraterna

Perfumes ha que deliciao os nervos olfa-
vos, affagando-os com uma suavidade ternu-
ineffavel que, traduzida em musica, encontra
sua forma natural nos sons exhalados por
fauta melodiosa, embrandecendo a solidão
goada de uma noite tranquilla.

Outros estimulam a imaginação, accelerã-
sangue, provocão o entusiasmo, exaltão os s-
tidos, e transportão a alma nas azas arrouba-
de um prazer impaciente : estes, se procuras
na musica a sua linguagem, corresponderião,
um parallelismo harmonico, a todas as gradua-
de um crescendo até attingir um allegro vi-
simo.

* * *

Não menos interessante, não menos verda-
ro, é o parallelo entre o symbolismo dos per-
mes e o das cores, que tanto tem occupado e p-
occupado modernamente as faculdades imagi-
tivas dos poetas.

Baudelaire, analysta sagaz, observador penetrante, que saboreava os perfumes com uma sensualidade felina, classifica-os em especies, que traduzidas em cores, encontram na cathogoria destas matizes de uma semelhança curiosa.

É sorprendente de verdade a observação feita por Th. Gauthier, em um dos mais admiráveis trechos do prefacio ás *Flores do mal* de que ha — perfumes ricos, fortes, triumphantes e corruptos, que, transportados á esphera das cores, seriam representados pelo ouro e pela purpura, por isso que trazem á lembrança a idéa de luxo e de riqueza.

* * *

Mas, do mesmo modo que a variedade infinita das cores encontra a sua unidade na luz, — a musica e o perfume, gerando-se no ar e no ar girando em ondas, tambem nesse elemento a alma do artista os sente, comprehende e abrange na unidade espiritual e material, em que se fundem, sem se confundirem.

Como agil nadador infatigavel, a quem a agua do mar não exige maior esforço que a dos rios, a inspiração extasia-se no espasmo preguiçoso das vagas dos aromas, com enlevo igual ao que lhe imprime o acalantar das vagas sonoras, em que a musica a embala, no ethereo movimento harmonioso.

Os extasis de prazer com que o perfume nos destaca as sensações, cortando-nos a respiração, suspenso a espaços pela avidéz anhelante dos haustos soffregos, semelhão pausas, em que os nervos, sem interromper o goso, mas saboreando-o mais demoradamente, descansão e cobrão forças para continuar a gosar com mais intensidade.

* * *

O ponto de contacto em que a musica e o perfume se revelão mais intimamente como expressões gêmeas da natureza e da arte é no poder da evocação.

Quem ha que não tenha sentido, ao menos uma vez na vida, uma epoca inteira do seu passado resuscitar em um momento, como evocada pelo poder magico de uma aria que ouviu em outra quadra, em uma hora feliz, escoada n'um canto ignorado do universo?

Todas as saudades que o tempo adormecera, sobresaltão-se, despertão-se e acodem em tropel á memoria, que como um espelho reflecte o lugar, o momento...

Que lugar e que momento!

O exilado vê, atravez das lagrimas expontaneas que lhe humectão as palpebras, desenharem-se como por encanto os perfis das montanhas da patria, envoltos no crepusculo da aurora, taes como as saudara pela ultima vez na hora da despedida.

Vê, fumegantes do vapor matinal, as aguas dos patrios mares, embalando o navio que o vai transportar para longe.

Ouve os adeuses dos que ficão, e sente ainda sobre o peito o bater do coração dos velhos pais que solução.

Ha tanto tempo que isto foi!

Tudo aquillo parecia ter-se-lhe ja de todo e para sempre apagado do espirito.

E todavia tudo esta tão inteiramente vivo, — tão real, tão presente, vê elle o seu passado átravez da saudade!

Para commover aquelle coração callejado por todos os revezes do infortunio, aquella alma que se julgava arida, secca e morta, onde não se acreditaria possivel vicejar uma illusão, desbotoar um sonho, brotar uma saudade, — foi bastante uma canção innocente nos labios de uma criança, que descuidosa passou cantarolando ao longe.

* * *

A evocação pelo perfume é igualmente completa.

Não sei que poeta, Bernardo Guimarães creio eu, chamou á saudade — perfume do passado.

Imagina que és moço e que amas com todas as forças do sentimento.

A imagem de uma mulher entranhou-se-te no coração como uma planta tenaz cujas raizes se lhe estenderão por todos os cantos, de onde não ha arrancar-as sem que tragão sangue

Imagina que, depois que te sentiste preso nas malhas invisiveis dessa affeição, todos os instantes de tua existencia se impregnarão exclusivamente das recordações dessa mulher, e que os teus dias correm ao lado della, reflectindo todos os seus affagos, todos os seus encantos, como as aguas de um rio tranquillo, desenhando no fundo crystalino os sorprendentes aspectos das margens florescidas.

A presença desse ente querido te cerca por todos os lados, conspira contra os teus sentidos, invade-os, enlaça-os, perturba-os e domina-os com um despotismo doce e terno, que mais fôra magua não soffrel-o do que sentil-o sempre subjugando-te.

A sua voz é para os teus ouvidos uma harmonia nunca ouvida em outros labios que não os seus; é uma voz que por caminhos invisiveis te chega ás entranhas da alma.

Os seus movimentos têm aos teus olhos a cadencia do rythmo.

O seu passo é um hymno

Todas as suas formas resumem um poema delicioso, de que cada linha, cada curva é uma estrophe correctá, escripta em versos sem phrases.

Seguil-a com a vista e com o pensamento, eis a occupação a que inconscientemente, arrastado por uma força irresistivel, te abandonaste.

A graça dos seus gestos, dos seus movimentos, parece provocar-te a gravá-los profundamente no olhar, como se imprimem na memoria as syllabas de uma estancia lyrica, fluente.

* * *

Por qualquer circumstancia eis-vos separados. Mas quando lhe apertayas a mão, significando-lhe o adeus, para logo ou para sempre, pouco importa, alguma cousa, por exemplo um lenço, passou das mãos della para as tuas.

Voltando para casa, entraste para a alcova, approximaste uma cadeira para a mesa do estudo, sentaste-te e deitaste a cabeça sobre as mãos, crusados os braços sobre a mesa, — desesperado de dor e de saudade.

Uma hora depois, mais consolado, guardas em uma caixa preciosa o lenço, esquecido por acaso ou de proposito entre as tuas mãos.

* * *

Mas nesse lenço está a arma perigosa da mulher — o perfume de que ella usa.

A' mais leve emanação que delle respites, sentirás a cadêa da saudade estreitar-te os pulsos e um circulo de ferro apertar-te o coração. Dir-se hia que o peso de uma montanha opprime-te o peito: é a tua reminiscencia que se levanta e te reconstroe a vida passada, minuto por minuto.

Essa lembrança te põe no espirito, no proprio sangue, uma especie de goso dolorido, uma tortura grata, a cada recordação com que aquella mulher sulcou indelevelmente as sendas mais intimas, mais reconditas de tua alma.

Na tua soledade só repercute um echo: o daquella voz; e a luz dos olhos della é a unica que illumina a tua sombra escura.

A tua memoria embebeu-se toda naquella mulher.

Está, como esse lenço, repassada de aroma acre, delicioso, que o satura, que o impregna tanto, que ainda rasgado em pedacinhos, cada fragmento reproduz em si, inteira e multiplicada a mesma essencia.

TH. DIAS.

AO CAHIR DAS FOLHAS



Tarde de outomno. O sol morreu ao longe
Com pompa gloriosa,
N'uma explosão de luz.
E a noite cai na terra silenciosa,
Como na face livida d'um monge
A sombra d'um capuz.

Nas linhas sinuosos das montanhas
Amores colossaes
Tomão formas phantasticas, estranhas,
De hybridos animaes.

Objectos mui vulgares
Durante a luz do dia,
Com as escuridões crepusculares,
Apresentão aspectos singulares
D'uma nova poesia.

Os aldeões cantando uma canção
Vem recolhendo á casa.
Perpassa na amplidão
De quando em quando a nodoa d'uma aza.

O POETA :

La vem dos aldeões o alegre bando
Descendo pelo outeiro:
Vêm vindo e vêm cantando,
Depois de trabalhar um dia inteiro.

Ditosos corações, ditosa gente,
Que ainda ao cabo da continua lida
Podeis cantar! e corre-vos a vida
Como ribeiro manso e transparente.

Cantai, ó corações, que o vosso canto
E' para mim uma sagrada esmola;
Traz-me aos olhos o balsamo do pranto;
Que é tudo o que hoje em dia me consola

Como esse canto é doce! E' que em segredo
Do intimo da alma vos deriva,
Como vela tremente de agua viva
Mozando d'entre o musgo d'um rochedo.

* * *

O' velhos que eu amei, velhas creanças,
Os vossos peitos socegados, nus,
São grandes ninhos de alegrias mansas,
Inundados de fremitos de luz.

Eu ás vezes nem quero acreditar;
Vós sempre a moirejar
Desde que rompe o dia,
E cada vez mais cheios de alegria,
Mais cheios de saude,
E eu cançado ja, e vou em meio
Da minha juventude!

* * *

Virgens formosas que volveis cançadas
Pela calma do sol e das fadigas,
Saltai as vossas limpidas cantigas
Como um bando de arveolas douradas,

Essas humidas vozes virginaes
Cahem suaves nes.e peito enfermo,
Como chuva de tremulos crystaes
Num lyrio que nasceu em sitio ermo.

E' que a alegria do semblante honesto,
Essos toques de graça e de receio
São indicio bem limpo e manifesto
Da paz antiga que vos vai no seio.

E' que a luz desse olhar, pompas de neve,
Tem não sei quê de fresca madrugada,
E é doce como a curva que descreve
A luz da lua em noite immaculada.

* * *

O' arvores tranquillias, viridentes,
Ungidas de harmonia austera e mansa,
Que sois como uns apostolos dormentes,
Envolvidos em tunicas de esperanza;

Frondosas cathedraes, em cujas naves
Reboa a voz profunda dos amores;
Orgãos frementes ao cantar das aves,
Céos estrellados de milhões de flores.

Eu era como vós! Quando a alegria
Jorrava da alvorada a frouxo em flux,
Todo o meu ser cantando se embebia
Nas vibrações magneticas da luz.

* * *

O' luz! ó alma na amplidão suspensa!
O' astros puros, ó luar, ó sol!
E, em noites tristes de tristeza immensa,
O' luz feita harmonia — ó rouxinol!

Como eu vos quero ainda! E como é triste
Sentir a vossa doce claridade,
Este bater da onda da saudade
Sobre a imagem d'um Bem que não existe!

La vem a lua, a Ophelia desmaiada,
Tela amplidão da abobada azulada,
A grinalda de estrellas desfolhando.

Somnambula d'amor com mais piedosas
Entorna as longas tranças luminosas
Por sobre os corações que estão chorando.

Vós que sabeis a magoa que me opprime,
O' lagrimas do céu correi a flux!
Desprendei-vos dos calices, ungi-me
Com suavissimos balsamos de luz.

Quando eu vos fito, ó lucidas espheras,
Encontro do meu mal o esquecimento
Nas piedosas lembranças d'outras eras

São effluyios que vêm n'aza do vento.
São uns echos de musicas formosas
Que expirão n'um tristissimo lamento.

E eu scismo ainda no florir das rosas...
E julgo ouvir um fremito sagrado
No vasto azul das noites silenciosas.

E em meu peito se entorna um som magoado,
Como o choro santissimo do mar
Espraiandô-se em longe descampado.

E fico melancolico a sonhar
Em rouxinoes, em canticos incertos
E em corolas de lirios entreabertos,
Inundados por ondas de luar...

.....

GUERRA JUNQUEIRO.

POBRES E RICOS



Dois graves erros são vulgarmente commettidos na apreciação dos homens: os pobres olhão com máos olhos a riqueza; a opulencia nem sempre tem na melhor conta os que lhe são inferiores em dinheiro: — conceitos igualmente falsos e de funestas consequencias.

A riqueza bem ganha e bem applicada é prova de laboriosidade e de virtude; mas nem todas as fortunas são adquiridas com honra e empregadas com philantropia.

A pobreza pode ser documento de culpa, ou golpe de sorte adversa.

Por isso, não é pelo dinheiro que os homens devem respeitar os seus semelhantes, como não é pela pobreza que devem desprezal-os.

Do mesmo modo é insensato e contraproducente o odio que os pobres tantas vezes manifestão contra os ricos: insensato, porque a riqueza em si não é merecimento nem culpa; contraproducente, porque os maiores inimigos dos opulentos quasi sempre trabalham para chegar até elles.

Acabemos com estas distincções mesquinhas entre pobres e ricos; não desprezemos os pobres, nem maldigamos os ricos; procuremos ser ricos para applicar bem a riqueza, mas não escravizemos a nossa honra, nem sequer a saude: procuremos sahir da miserta porque só aos seres privilegiados é permittido viver nella sem arriscar a virtude; mas não a tenhamos na conta da maior desgraça que possa affligir-nos.

Outro preconceito muito bem acolhido pelas classes laboriosas, consiste em considerar o operario como o membro mais digno da sociedade; quem não escutou em tantas reuniões populares, quem não ouviu em inumeros documentos emanados dellas, dizer que o artista sustenta a patria, e se faz digno de toda a attenção dos poderes publicos?

Neste sentido circulão theorias que levadas até a pratica darião os mais deploraveis resultados.

Ora, a verdade é que o trabalho pode representar optimas ou pessimas qualidades: uns produzem em um dia mais obras uteis do que outros em semanas ou mezes; encarado por differente lado, o trabalho é simplesmente um meio de que o homem usa para satisfazer necessidades e pode empregal-o bem ou mal; si a isso acrescentarmos que os operarios são não somente os

que servem na industria fabril, mas tambem os que servem no commercio e na agricultura, nas sciencias e nas lettras, concluimos que são inteiramente desarrazoadas as pretensões a que acima nos referimos.

Não basta ser trabalhador; é preciso ser illustrado.

Não basta produzir muito e com acerto; é necessario usar honradamente dos fructos do trabalho.

Antes um salario pequeno e bem empregado do que um thesouro cada dia, servindo más paixões.

Assim como o corpo deve obedecer ao espirito deve o homem subordinar o trabalho ao que é bom e justo; porque si os productos das fabricas dos campos, das praças commerciaes, e dos gabinetes dos lettrados, tiverem por unico fim manter o erro ou a ostentação, o mundo será occupado por escravos de apparatus ou de vaidades, em vez de ser morada de seres racionaes

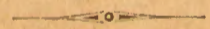
Nobilitemos o trabalho pela qualidade e applicaçãodelle; e não tenhamos como verdadeiras e respeitaveis as distincções sociaes que se fundão na riqueza, ou na descendencia ou na occupação.

Trabalhar bem e applicar bem, eis os alvos a que devem dirigir-se todos os esforços humanos; nem basta o bom trabalho ou a boa applicação; é preciso que esta succeda áquelle, porque o maganho não se justifica empregando bem; nem a honestidade em adquirir sanctifica o vicio que o salario venha a alimentar.

R. DE FREITAS.



Mãos de alabastro



Sois vós que tenho amado, ó lyrios desmaiados
sois vós que vejo á luz do pallido luar,
e quando eu va dormir o somno dos finados,
assim vos possa ainda aos labios apertar!

Depois, quando na campa eu ja tiver pousado,
uni-vos e rezai por quem vos teve amor;
bem sabe Deus piedoso o muito que hei chorado
nesse alabastro puro a minha eterna dor.

D. ENNES.